

# Especialistas debateram durante quatro dias na UM

## Conferência Europeia de Leitura abriu-se a várias perspectivas

Daniel Lourenço  
Avelino Lima

«A intervenção final acabou por mostrar que são muitos os caminhos que devemos percorrer para permitir que as pessoas tenham mais acesso à leitura, aos textos e domínio sobre os mesmos. Uma das principais conclusões desta conferência é que devem evitar-se as dicotomias». As palavras são da professora Lourdes Dionísio, responsável pela organização da 16.ª edição da Conferência Europeia de Leitura que decorreu nos últimos quatro dias na Universidade do Minho.

A última intervenção final, em sessão plenária, esteve a cargo de Kris Gutierrez, professora da Universidade da Califórnia (consultora de Barack Obama para questões de Educação), que apresentou uma perspectiva da literacia em contextos socioculturais, o seu desenvolvimento e pedagogia. Na sua preleção, esta investigadora americana procurou demonstrar que a abordagem da literacia é mais complexa do que um "sim" e "não", "bom" e "mau". Fundamentalmente procurou dizer que os estudiosos destas questões devem evitar dicotomias, que são redutoras.

Para Lourdes Dionísio a visão apresentada por Kris Gutierrez é um dos pontos altos desta 16.ª edição da Conferência Europeia de Leitura e abre muitas perspectivas aos investigadores, cuja tendência natural é cair na redutora dicotomia. «É altura de ultrapassar as dicotomias e perceber que estes fenómenos são



Intervenção de Kris Gutierrez, da Universidade da Califórnia, marcou fecho dos trabalhos

muito mais complexos», afirma a professora da Universidade do Minho e presidente da Littera, Associação Portuguesa para a Literacia, lembrando que o seu grupo de trabalho já tem adoptado uma perspectiva sobre a literacia que não é redutora.

«O nosso grupo não vê o problema assim. Temos feito investigações sobre desenvolvimento da literacia em contextos de trabalho, nomeadamente em fábricas e não só nas escolas. A abordagem sócio-crítica das práticas. Mas há colegas que fazem abordagens mais psicológicas e cognitivas. Por isso, o que retiro de positivo é a pluralidade de perspectivas que foram apresentadas, algumas nos antípodas umas das outras», realça Lourdes Dionísio.

A presença de professores e investigadores «de várias partes do mundo, desde a Nova Zelândia, passando por Hong Kong ou Taiwan», além de de-

zenas de países europeus é outro dos aspectos destacados por Lourdes Dionísio.

### Sessões em português

Para além das quatro sessões plenárias, ao longo de quatro dias houve dezenas de debates paralelos, em diversas salas da Universidade do Minho. E uma das novidades da 16.ª edição da Conferência Europeia de Leitura foi a realização, em paralelo, do 1.º Fórum Ibero-Americano das Literacias, que permitiu que também se falasse em português e não apenas em inglês.

«Para a Conferência Europeia tivemos 11 salas a trabalhar, em sessões paralelas, fundamentalmente em inglês e algumas em alemão; mas também tivemos sessões, em 9 salas, em espanhol e português (sobretudo do Brasil), no âmbito do fórum ibero-americano. O facto de se ter falado a língua do país organizador

e não apenas o inglês trouxe também uma pluralidade enriquecedora. Nas edições da Conferência Europeia anteriores falou-se basicamente em inglês e muitos dos nacionais participam menos, porque têm que fazer apresentações em inglês e muitos não estão tão confortáveis», explica a professora.

### Na Bélgica em 2011

O êxito da organização conjunta do Fórum Ibero-Americano e da Conferência Europeia é encarado pela organização portuguesa como um ponto de viragem. Nessa medida, segundo Lourdes Dionísio, na próxima edição – que vai decorrer dentro de dois anos em Mons, (Bélgica – a organização local está a pensar organizar um fórum para francófonos paralelamente à Conferência Europeia, para que o inglês não seja o idioma exclusivo a usar nas intervenções.